

Práticas de natureza: MOVIMENTO E CONTEMPLAÇÃO NAS MONTANHAS DO MARUMBI

Practices of nature: movement and contemplation in the Marumbi mountains

Alessandra Izabel de Carvalho¹

RESUMO



Entre as décadas de 1940 e 1960 um grupo de montanhistas se dedicou a desbravar as montanhas do Marumbi, um maciço localizado na porção paranaense da Serra do Mar. O esporte que praticavam denominaram de “marumbinismo” e para organizar suas atividades fundaram o Clube dos Marumbinistas de Curitiba. O artigo apresenta a fase inicial das ascensões àquelas montanhas, depois a fase de consolidação do Clube e busca analisar como o contexto sociopolítico da época, com ênfase na importância dos exercícios físicos na pretensa edificação do caráter individual e nacional, influenciou o discurso e as práticas do CMC. Analisa também a estruturação interna do clube entorno de uma “cultura de natureza”.

Palavras-chave: História. Montanhismo/marumbinismo. Natureza.

ABSTRACT



Between the 1940s and 1960s a group of climbers was dedicated to brave the Marumbi mountains, a massive located at the Sea Mountain Range in State of Paraná (Brazil). They termed the sport practiced as "marumbinismo" and to organize their activities founded the Clube dos Marumbinistas de Curitiba. The paper presents the initial phase of ascents of those mountains, then the club consolidation phase and seeks to analyze how the sociopolitical context of that time, with emphasis on the importance of physical exercises in the supposed character building individual and national, has influenced the discourse of CMC. It also analyzes the internal structure of the club around a "culture of nature."

Keyword: History. Mountaineering/"marumbinismo". Nature.

¹ Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas; professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa. *E-mail:* ale.marumbi@gmail.com

I. Introdução

Ao se olhar a certa distância as montanhas da Serra do Mar, elas se descortinam aos olhos do observador envoltas em uma cor azulada, ou melhor, envoltas em muitos tons de azul, variando do mais escuro ao mais claro conforme, gradual e continuamente, se afastam do plano de visão. Vistas de perto, as montanhas são de muitas cores, os matizes, no entanto, que adornam a Serra resultam de uma biodiversidade singular que caracteriza a floresta tropical que a abrange.

Esse é, provavelmente, um dos elementos que mais evidenciam a nossa relação com as nossas montanhas, pois, como bem notou Pierre Denis em *Lé Brésil au XXème Siècle*, "quando os brasileiros falam de serra, é muito mais à floresta que eles aludem do que à montanha... o nome de montanha tornou-se devido à lógica da língua, num nome de floresta" (apud LAMEGO, 1963: 87).

O destino desse artigo é o Marumbi,² um conjunto de montanhas escarpadas localizado na porção paranaense da Floresta Atlântica, e a discussão proposta é uma investigação sobre as formas de interação, ou práticas de natureza, que os montanhistas da primeira metade do século XX desenvolveram com e naquele ambiente.

Embora as escaladas ao Marumbi tenham se iniciado apenas no final do século XIX, a região da Serra do Mar há muito já era percorrida. Desde o tempo em que as terras que hoje formam o Paraná pertenciam à Espanha, caçadores de índios, garimpeiros e exploradores, com o incentivo da Coroa portuguesa, por lá se aventuravam em busca de riquezas. Com a imagem idealizada do ouro de aluvião reluzindo em suas mentes, os mineradores, saindo de Paranaguá, subiram os rios em busca de suas nascentes e, assim, alcançaram a serra. No percurso, várias pequenas vilas foram surgindo. Enquanto isso, os bandeirantes paulistas chegavam ao primeiro planalto. O tão almejado ouro, no entanto, serra acima ou serra abaixo era escasso. Bem diferentes eram as notícias que chegavam do centro-oeste brasileiro, onde, dizia-se, o ouro brotava do chão.³ Os ventos traziam notícias também da descoberta de gado solto em abundância nas vastas pradarias do sul. O povoamento do planalto que começara já motivado pela criação de gado se intensificou com o surgimento das fazendas de invernada e comércio da condução desse rebanho e de muares vindos do Rio

² As montanhas que compõem o Conjunto Marumbi são: Olimpo (1.539m), Boa Vista (1.491m), Gigante (1.487m), Ponta do Tigre (1.400m), Esfinge (1.378m), Torre dos Sinos (1.280m), Abrolhos (1.200m), Facãozinho (1.100m) e Rochedinho (625m).

³ É interessante observar que em carta régia ao governador da capitania de Minas Gerais, Dom Manuel de Portugal e Castro, datada de 12 de agosto de 1817, a qual versava sobre a determinação do estabelecimento dos estatutos para as sociedades de lavras de minas de ouro, o rei Dom João VI utilizou-se de uma terminação inusitada para a época ao descrever as qualidades desejáveis nos mineradores, ou seja: "...Hei por bem determinar que aí se formem sociedades compostas por ações, com que poderão entrar quaisquer indivíduos que nelas queiram ser admitidos, cujos fundos habilmente empregados, debaixo da direção de um inspetor geral, pessoa inteligente na *ciência montanhística* e metalúrgica, que eu for servido nomear, serão aplicados ao estabelecimento de lavras regulares e metódicas, por conta das mesmas sociedades, as quais lavras servirão ao mesmo tempo, para instrução pública, patenteando-se assim aos habitantes dessa capitania as grandes vantagens que resultam do método científico dos *trabalhos montanhísticos*...". (sem grifo no original)

Grande com destino a Minas Gerais (SCHMIDLIN, 1998). Chegavam os tempos de tropeirismo, um dos mais significativos ciclos econômicos e movimento de ocupação da nossa história.

A verticalidade da cadeia de montanhas que se interpõe entre o litoral e os campos de Curitiba continuou, porém, por muito tempo, sendo um obstáculo ao desenvolvimento local. A comunicação entre os dois territórios era um grande problema a ser resolvido. Os antigos caminhos da Graciosa, do Itupava e do Arraial já eram utilizados pelos preadores e faiscaidores desde o início da ocupação da região, mas nenhum deles era carroçável, o que dificultava imensamente o intercâmbio comercial entre os dois extremos. Cabia primeiro ao costado humano e depois às mulas subir aos campos com as mercadorias obtidas no comércio à beira-mar para, em seguida, descer as íngremes picadas com a produção do cultivo de erva-mate. A situação só foi se modificar em 1873, com a inauguração da estrada da Graciosa, a primeira a ligar Curitiba, já na condição de capital da província, ao litoral.

Poucos anos mais tarde, em 1880, por ordens de D. Pedro II, teve início a construção da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá. O objetivo dessa obra era fazer com que a crescente produção agrícola e madeireira do planalto fosse transportada de forma mais rápida e segura ao porto de Paranaguá. A ferrovia representou um importante passo para o Paraná rumo à modernidade, tanto nos aspectos econômicos e sociais como em termos de engenharia.

Na década de 1920, o Marumbi virou uma pedreira, a Empresa Construtora Marumbi Ltda., de propriedade de Domingos Greca. Mais tarde, em 1941, quando a pedreira estava quase abandonada, Simão Moscalewski, um empresário do ramo, adquiriu a área e deu prosseguimento à atividade (ALVES, 2008: 70).

Mas o Marumbi sempre foi muito mais que um depósito de rochas úteis a ser utilizado na edificação urbana e no desenvolvimento econômico paranaense. Há muito tempo, em verdade, aquelas montanhas mantinham-se como uma fértil fonte de lendas e superstições para aqueles que as avistavam lá de Morretes ou de qualquer outro lugar da planície litorânea. Eram histórias inspiradas em parte pela experiência, mas muito mais pela imaginação das pessoas que haviam tentado, sem sucesso, alcançar os seus cumes.

Em meio aos preparativos para o início da construção da ferrovia, o farmacêutico Joaquim Olympio de Miranda, que há anos buscava um meio de conseguir realizar o seu sonho de chegar ao topo daquela serra, partiu, no dia 17 de agosto de 1879, para mais uma tentativa, acompanhado então dos colegas Bento Manoel de Leão, Antonio Silva e Antonio Messias. O itinerário percorrido foi, saindo do Desvio da Volta Grande (atual Estação Engenheiro Lange), morro do Rochedo (hoje conhecido por Rochedinho), morro do Facãozinho, encosta do Boa Vista, campo do Bom Jardim para, enfim, no dia 21 de agosto, aqueles desbravadores atingirem o cume da montanha mais alta do conjunto. Lá de cima

avistaram um amplo panorama: o mar, as serras entorno, a planície de Curitiba e, também, um outro grupo que se postava em um cume próximo, um pouco mais baixo, ao que eles estavam. Era a expedição liderada por Teixeira Coelho que havia partido de Porto de Cima no mesmo dia que eles, mas que escalara o Marumbi por um outro percurso. Bandeiras aos ventos, gritos de felicitações, a alegria era, ao que parece, geral nas montanhas.

Um ano mais tarde, em 25 de agosto de 1880, Joaquim Olympio voltou a liderar outra expedição ao Marumbi. Dessa vez o grupo era maior, quatorze pessoas no total. O cume no qual estivera no ano anterior, embora fosse o de maior altitude, além de quase não ser visível das vilas ao sopé da serra, aparenta ser mais baixo do que outro que fica a sua frente. A intenção com aquela segunda expedição era fincar uma bandeira neste, ainda inexplorado, para que todos pudessem vê-la lá de baixo e comprovar a sua façanha. E assim foi feito. No dia 26 de agosto, fixaram uma bandeira branca no cume que chamaram de São Sebastião (atualmente conhecido como Gigante), em homenagem ao santo padroeiro de Morretes. Nessa escalada ainda, o píncaro mais elevado do conjunto foi batizado: "em honra ao nome de seu primeiro descobridor, e por analogia ao monte que a mitologia dá como morada dos deuses, demos a este morro o nome de cume do Olympo", conforme narra o histórico relato "Os primeiros que subiram ao Marumbi", escrito por Antonio Ribeiro de Macedo, um dos membros daquela expedição (PARANÁ, 1899; ALVES, 2008).

As conquistas do dia 21 de agosto de 1879 marcaram uma nova fase na relação entre pessoas e montanhas no Brasil. O objetivo daquelas escaladas não fora militar, nem científico, tampouco comercial ou religioso. O que estava em jogo era a curiosidade de alcançar-se aquele que, na época, consideravam ser o ponto culminante do Estado⁴ e, claro, ser os primeiros a realizar tal acometimento.

Desde então as pessoas começaram a escalar as montanhas do Marumbi. As motivações certamente se modificaram ao longo desse tempo. Impulsionadas pela vontade de realizar uma árdua façanha, de participar da fundação de uma identidade paranaense – tal como ocorreu com boa parte da intelectualidade local quando do Movimento Paranaense –, de contribuir na edificação de um espírito patriótico que se manifestaria, sobretudo, em um corpo saudável e forte, ou de simplesmente vivenciar uma aventura humana nas altitudes – a que o escalador francês Lionel Terray (1977) chamou de uma "conquista do inútil" – essas pessoas construíram uma cultura de montanha, ou seja, um código que tem balizado a relação entre elas e as montanhas do Marumbi. Em outras palavras, trata-se um ambiente

4 Essa informação só foi corrigida em 1941, quando o geógrafo e geólogo Reinhard Maack comprovou, por meio de nivelamento barométrico, que o ponto culminante não só do Estado do Paraná como do Brasil Meridional é o Pico Paraná localizado na Serra dos Órgãos (Ibitiraquire). Segundo as medições de Maack, o Pico Paraná teria 1.930m de altitude. Novas pesquisas, porém, realizadas em 1992 pelo curso de Pós-Graduação em Ciências Geodésicas da UFPR, utilizando-se do rastreamento de satélites artificiais do sistema NAVSTAR – GPS, determinaram as altitudes de 1.877,392m para o Pico Paraná e 1.539,361m para o Olimpo, no Marumbi. (Ver KRELLING, P. C. L. *Pico Paraná: altitude precisa*. Curitiba, Editora da UFPR, 1992).

natural modelando um *ethos* cujos fundamentos se encontram, principalmente, no movimento e na contemplação.

2. Montanhas e história

"Vestígios sólidos da memória!", dizia Raymond Williams em *O povo das montanhas negras*, "as montanhas eram expostas demais, enfáticas demais, para serem reduzidas a uma recordação pessoal" (1991: 23). De fato, as montanhas são vestígios de um movimento da natureza muito mais antigo, pois "até que os indícios da vida humana se multipliquem a história não é mais do que uma história da terra" (WILLIAMS, 1991: 54).

A combinação formas da terra e formas da história é, com efeito, valiosa. Desde que a Escola de Annales surgiu na França, no final da década de 1920, em torno do jornal intitulado "*Annales d'histoire économique et sociale*", como uma reação ao predomínio de uma história política e diplomática fundamentada em narrativas de eventos escritas por historiadores que seguiam a tradição historicista do século XIX – cujo principal expoente havia sido Leopoldo von Ranke – o campo de pesquisa da disciplina de história foi ampliado. A pesquisa histórica renovou-se ao derrubar as barreiras que separavam a história de outras disciplinas, utilizando-se, inclusive, de metodologias propostas por disciplinas das ciências sociais, tais como a antropologia, a sociologia, a economia, a psicologia e a linguística, como também da geografia. E a geografia de fato exerceu uma grande influência sobre os estudos promovidos pela Escola de Annales.

Lucien Febvre, um dos seus fundadores, embora insistisse na condição da geografia como um elemento da história, considerava que o ambiente natural não poderia determinar a cultura ou mesmo a política de uma determinada região, pois, argumentava, tanto uma como a outra tinham a capacidade de transcender ambientes específicos. Para ele, o mundo natural apresentava possibilidades ao desenvolvimento dos sistemas humanos, mas caberia ao entendimento cultural mediar as relações das pessoas com o seu meio (FEBVRE, 1925).

Contudo, entre os trabalhos dos historiadores de Annales que consideraram em suas análises as questões relacionadas ao ambiente físico, provavelmente o de maior alcance e notabilidade tenha sido *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*, de Fernand Braudel (1983). Mas diferentemente de Febvre, Braudel considerou que as pessoas eram "prisioneiras" de seus ambientes físicos, assim como de suas estruturas mentais, denotando um papel muito mais decisivo à geografia sobre a história humana. Apesar de ser uma referência fundamental nos estudos sobre as teorias da história, algumas das críticas que se fazem a *O Mediterrâneo* apontam para o fato de Braudel não ter conseguido estabelecer uma conexão entre os três níveis de tempo da sua pretensa "história total", o que

colocaria o ambiente físico, que considerou estar "quase fora do tempo" numa condição cenário para a ação humana e também de não ter ponderado em sua análise o impacto humano sobre o mundo natural, impacto esse capaz de alterar profundamente a dinâmica de ecossistemas inteiros (BURKE, 1992: 20; ALIER, 1995: 172).

Especificamente sobre os ambientes montanhosos, Braudel escreveu:

Normalmente, a montanha é um mundo que vive à margem das civilizações, produto das cidades e das regiões baixas. A história da montanha é não ter história, é ficar, habitualmente, fora das grandes correntes civilizadoras, mesmo que estas evoluam com lentidão. Capazes de expansão em superfície, na horizontal, estas correntes revelam-se impotentes no sentido vertical, perante um obstáculo de algumas centenas de metros. (BRAUDEL, 1983: 44)

Se levarmos em conta que 24% da superfície terrestre é composta por regiões montanhosas, que 10% da população mundial vive em tais ambientes – ao passo que outros dois bilhões de pessoas vivem muito próximas e dependem direta ou indiretamente da comida, hidroeletricidade, lenha e recursos naturais que eles provêm para sobreviver –, que 80% da água doce de superfície do mundo vem das regiões montanhosas,⁵ enfim, como considerar que as montanhas não têm história? Braudel, em verdade, apenas compartilhou de uma visão muito recorrente entre geógrafos, antropólogos e economistas que consideravam que as sociedades montanhosas do mundo se mantêm à parte do tipo de desenvolvimento humano característico das planícies, ou seja, um desenvolvimento que assinala a histórica transição para o sistema capitalista. A dificuldade de acesso a terrenos tão escarpados seria um dos principais fatores de isolamento de tais comunidades.

É, até certo ponto, compreensível esta impressão de que os ecossistemas de montanha (os quais incluem as suas comunidades humanas) são um mundo à parte pelo fato de os colonizadores europeus terem construído a maioria de seus centros comerciais nas regiões costeiras, ou terras baixas, das novas zonas incorporadas aos seus impérios. Neste contexto, as cadeias montanhosas eram vistas como fronteiras periféricas que limitariam o desenvolvimento capitalista. Estudos têm demonstrado, no entanto, que, apesar de alguma restrição devido ao clima, terreno ou variações atmosféricas, o mundo capitalista transplantou suas estratégias de maximização dos lucros caracterizadas pelo desenvolvimento agrícola e industrial para os ecossistemas de montanha em quase todas as regiões do mundo (McNEILL, 1992). Desde o século XV a maioria dos ecossistemas montanhosos tem sido desmatada ou desertificada pela ação humana, cada vez mais intensiva em tais ambientes. Os exemplos vêm da indústria madeireira, exploração mineral,

⁵ Dados disponíveis no site: <<http://www.mtnforum.org/>> . Acesso em 10 out. 2013.

aumento da densidade demográfica, introdução de espécies exóticas, abertura de campos de pastagem, criação de animais, monoculturas até chegar-se aos grandes fenômenos atuais da produção e do processamento de drogas ilegais – no qual se utilizam compostos químicos altamente tóxicos que poluem os solos e os rios que descem das montanhas –, do aquecimento global – decorrente em grande parte da queima de combustíveis fósseis, que tem promovido o derretimento de parte dos glaciares das altas montanhas – e do turismo desorganizado e predatório. Todas estas alterações no meio natural das montanhas geram um grande impacto não apenas ambiental, como também socioeconômico e cultural na vida das pessoas que vivem nas montanhas e daquelas que vivem em seu entorno.⁶ Neste sentido, muito ainda há que ser contado sobre a história das montanhas para que não se pense que elas não têm história.

Em termos socioculturais, por exemplo, muito dos valores compartilhados por milhões de pessoas ao redor do mundo reside na imagem de montanhas como lugares de poder divino, revelação e purificação. Em três das maiores religiões do mundo – judaísmo, cristianismo e islamismo –, eventos ocorridos nas alturas marcaram as vidas de seus profetas e fundadores. Outras culturas religiosas tradicionais, como o budismo, têm olhado para as montanhas como símbolos de suas mais altas metas espirituais, centros cósmicos que ordenam e mantêm a estabilidade do mundo a sua volta (BERNBAUM, 1998). Ou seja, as montanhas fazem parte da cultura humana também como fontes de simbolismo.

A discussão a partir de agora vai se concentrar não nos montanheseiros, que são as populações que vivem nas montanhas, nem na interessante abordagem via misticismo ou religiosidade, que o tema permite, mas na relação de um grupo de pessoas cidadinas que deliberadamente escolheram as montanhas como seu lugar de fruição, de realização e de vivência social.

3. O início do marumbinismo

O que eu vou relatar desta primeira hora no alto da montanha? Um lindo mar de nuvens estendia-se de horizonte a horizonte, interceptando-nos a vista para baixo. Apenas os gigantes da serra, desconhecidos e sem nome ainda, o Pico Paraná e sua agremiação de picos elevados assemelhavam-se a ilhas neste imenso oceano.

Em que altura estávamos aqui? Geralmente a pessoa que desconhece um mar de nuvens, acha que estas (as nuvens) vistas lá de baixo estão

⁶ A realidade dos ambientes e povos das montanhas (guerra, pobreza, fome, destruição do meio físico etc.) levou a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, em 1992, a incluir na Agenda 21 um capítulo específico sobre o "Desenvolvimento Sustentável das Montanhas" e, posteriormente, a proclamação da Organização das Nações Unidas do ano de 2002 como sendo o "Ano Internacional das Montanhas". Os debates e ações promovidas em mais de 75 países do mundo chamaram a atenção para a necessidade de um aumento da consciência global sobre a importância das montanhas na manutenção da vida na Terra.

muito altas. Agora as vimos tão abaixo de nós sugerindo a idéia que estávamos 10 vezes mais altos do que realmente é.

O sol surgiu numa brecha das nuvens bem altas e seus raios douravam as ondas deste mar imenso, cujas partes mais altas estavam em eterna agitação. Parecia-me estar num outro mundo, num mundo diferente daquele acostumado de viver. Mas eu não estava sonhando, não porque lá escondido sob o manto embranquecido, o trem de passageiros rosnavava, rincava e gemia serra acima, em direção a Curitiba. Lá onde havia ficado o dia de trabalho na luta pela existência na vida.⁷

A história do Marumbi por vezes se confunde com a história de um dos seus mais famosos entusiastas, Rudolf Stamm. Nascido em Joinville, em 13 de outubro de 1910, este descendente de origem alemã inscreveu seu nome na época das grandes conquistas e da conformação cultural que envolve aquelas montanhas.⁸

Sua primeira escalada a uma das montanhas do conjunto Marumbi aconteceu entre os dias 1.º e 2 de novembro de 1935. Acompanhado por dois amigos, Erich Isemann e Geraldo Leppin, o destino foi o Facãozinho, de 1.100m de altitude. Mais de dois anos, no entanto, se passaram até que Stamm atingisse o cume dos seus sonhos, o Olimpo, a mais alta das montanhas do Marumbi com 1.539m. Isto se deu em 13 de janeiro de 1938. O guia de Stamm foi o seu cunhado, que já havia escalado o Olimpo tempos atrás. A aventura começou ao deixarem a estação do Marumbi e se dirigirem à trilha que levava ao Facãozinho. O tempo não estava bom, no começo apenas choviscava, mas conforme subiam, mais o tempo piorava. Ao chegar ao Apartamento 5, após sete horas de caminhada, sendo cinco delas debaixo de chuva, montaram acampamento. Conseguiram, entre algumas trapalhadas características dos novatos na Serra, preparar um fogo para fazer a comida e passaram uma noite úmida, vencida apenas pelo cansaço que tomava conta de seus corpos. O dia seguinte amanheceu envolto de uma grande cerração; seguiram para o cume de uma montanha perto na tentativa de avistar alguma coisa, mas logo retornaram para o cume do Olimpo.

7 Relatórios do Guia Rudolf Stamm. 21.ª excursão. Data: 13-15/01/1938. Acervo do Clube dos Marumbinistas de Curitiba.

8 Além das inúmeras contribuições para o desenvolvimento do montanhismo no Paraná, a grande riqueza que Stamm legou às futuras gerações de montanhistas que o sucederam foi o relato da maioria das suas excursões, totalizadas em mais de 460, pela Serra do Mar, região dos Campos Gerais e litoral paranaense. Stamm organizou minuciosamente os seus relatórios por um índice geral das excursões que contém o número (1.ª, 2.ª, 3.ª...), a data e destino de cada uma delas. Em seguida, criou um índice das escaladas realizadas em cada montanha do Conjunto Marumbi (Olimpo, Ponta do Tigre, Abrolhos etc.) onde se verifica a seqüência (1.ª, 2.ª, 3.ª...), o número correspondente da escalada em relação ao índice geral, a data, a via utilizada para subir e a via utilizada para descer. Mas Stamm deixou não apenas o seu farto acervo de histórias vividas por ele ao longo dos mais de 20 anos em que esteve presente naquelas montanhas, ele se preocupou também em criar um meio para que todas as escaladas feitas nas montanhas do Marumbi pudessem ficar inscritas para a posteridade. Fixou então nos cumes caixas de madeiras que continham um caderno de anotações, acondicionado dentro de uma caixinha de metal, e um lápis para que o visitante puder deixar o seu nome, a trilha utilizada para subir, qual utilizaria para descer e o tempo gasto na subida – além de, se quisesse, e pudesse, uma pequena contribuição para a compra de novos cadernos. Todos os relatórios do Stamm foram encadernados em oito volumes, em 1972, e, tal como os livros de cume, encontram-se arquivados na biblioteca do Círculo dos Marumbinistas de Curitiba.

Nada vimos. Tudo estava branco por volta. Dei alguns passos e na Pedra Morta parei procurando enxergar algo no caos que se me antepunha. Repentinamente, como se fosse por mãos invisíveis impulsionadas, as nuvens se separaram. Numa fresta apareceu a estação de Engenheiro Lange e numa rapidez incrível as nuvens afastaram-se para os lados. Do mesmo modo fechou de novo, desaparecendo tudo como um sonho. Dei um pulo atrás. Um tombo ali seria a morte certa e fiquei um pouco mais afastado. Chamei o lugar de Pedra Morta.

Voltei à cruz e sentando-me apoiando as mãos sobre o queixo, fechei os olhos. Parecia eu ouvir algo me dizer assim: "Aproveite que nunca mais verás coisas bonitas assim!".

Eu levantei-me num pulo e gritei: "Não, eu volto para cá, eu vou ser marumbinista!".⁹

Segundo Stamm, ele não tinha ideia que, naquele momento, havia criado o nome de um novo esporte, o "marumbinismo", pois sequer imaginava que tal palavra não existisse no vocabulário brasileiro.¹⁰ Porém, tal como o montanhismo praticado nos Alpes é conhecido como alpinismo e o praticado nos Andes, andinismo, nada lhe pareceu, ao que tudo indica, ser mais óbvio do que chamar o montanhismo do Marumbi de marumbinismo. Stamm cumpriu a sua promessa, e não apenas voltou ao Marumbi como o fez muitas e muitas vezes. E, independente de ter sido, ou não, o criador do termo e mesmo que não tenha sido o "primeiro marumbinista", ele certamente tornou-se o ícone daquelas montanhas, o marumbinista mais respeitado entre os seus pares; em resumo: tornou-se o próprio "Marumbi", apelido que adquiriu e carregou até o fim da sua vida.

Stamm acabou, de fato, devotando a sua vida às montanhas. Ele era um homem simples, trabalhava como eletricitista, nunca se casou e morou por muitos anos numa pensão no centro de Curitiba. Stamm passou a frequentar intensamente o Marumbi e conheceu outros entusiastas que também dedicavam seus fins de semana às conquistas daquelas montanhas.

Até aquela época o único acesso que existia ao Olimpo era pela porção norte do conjunto, passando pelo Facãozinho e Boa Vista, tal como havia sido traçada a rota da conquista em 1879. Após 15 tentativas, em 1938, o grupo formado pelo artista plástico argentino, José Peon, pelo comerciante Alfonso Hatschbach e pelo casal de fotógrafos Anna e Armin Henkel, alcançou o cume do Abrolhos. Esse feito inaugurou a fase da conquista das demais montanhas do Conjunto Marumbi, fase que ficou conhecida como "geração alemã",¹¹ devido à grande ocorrência de sobrenomes de origem teutônica entre os escaladores.

9 Relatórios do Guia Rudolf Stamm, Círculo dos Marumbinistas de Curitiba. 5.^a excursão. Data: 1-2/11/1935.

10 Um termo parecido, "marumbista", já havia sido utilizado pelo historiador Romário Martins no texto "O que se vê do alto", na revista ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE, Ano II, v.5, edição de junho de 1928.

11 Na dissertação de graduação intitulada *O clã da lagartixa: uma visão antropológica da escalada no Paraná* (Brasília, 1993. UNB), o antropólogo Roberto Cunha Alves de Lima divide a história da escalada neste estado em três fases: (1) a fase "colonial", compreendida entre a conquista do Olimpo (1879) e os anos 30 do século XX; (2) a fase alemã, da década de 1940 até o fim da década de 1970 e (3) "a geração dos filhos", que ele subdividiu entre "banguê-banguê" e "sexo, drogas e rock'n roll".

No inverno de 1940 os marumbinistas estavam especialmente inspirados e realizaram várias conquistas importantes. Em 5 de maio, Henrique Zenkert alcançou o cume da Esfinge; em 12 de maio, Alfredo Myssing, Carlos Schaffer e Adalberto Thomsen pisam pela primeira vez no cume da Torre dos Sinos; em 25 de maio, Rudolf Stamm, Henrique Zenkert, Adalberto Thomsen, Ina Claassen e Rosa Isenmann atingiram o cume da Torre dos Sinos e, em 25 de junho, Alfredo Myssing e Geraldo Epp pisaram sobre aquele que era considerado o último cume invicto no conjunto, o Gigante. Mas algo interessante aconteceu nesta montanha. Quando a dupla foi introduzir numa brecha lateral da pedra no cume uma garrafa que continha um papel com seus nomes e data do seu feito, encontraram uma lâmina de cobre com as inscrições: "Deixaram aqui esta lâmina: José Ribeiro de Macedo, Antonio Ribeiro de Macedo, Antonio Pereira da Silva, José Antonio Teixeira, José Ferreira Gomes, Joaquim Olympio de Miranda e Pedro Viriato de Souza. Em 26 de agosto de 1880".¹² Se Myssing e Epp não foram os primeiros no cume do Gigante, foram, porém, os primeiros a completar a passagem Noroeste ao saírem dali e se dirigirem ao Olimpo, este sim um feito inédito.

Embora acima tenham sido mencionados os nomes das primeiras pessoas a firmarem os pés nos cumes daquelas montanhas, é importante salientar que estes feitos não resultaram do trabalho apenas delas e nem aconteceram da noite para o dia. Ao contrário, a abertura das picadas em meio à floresta e montanha acima requereu o labor de outros montanhistas e muitas investidas sem sucesso. Stamm, no caso, participou da maioria delas.



Stamm (à direita) e um companheiro no cume do Olimpo.

Fonte: Relatórios da Guia Rudolf Stamm

¹² Registro daquela segunda expedição às montanhas do Marumbi já citada anteriormente.

Conforme as picadas iam sendo abertas e os montanhistas ficando mais familiarizados com o ambiente, as escaladas tornavam-se cada vez mais rápidas. Enquanto a primeira excursão, em 1879, havia levado cinco dias para alcançar o cume do Olimpo, em 1941, Stamm e seus amigos Bernardo M. Seifert e Wilson Correia saíram da estação, passaram pelo Facãozinho, Boa Vista, Olimpo, Passagem Noroeste (Gigante), Ponta do Tigre e retornaram à estação em pouco mais de oito horas e meia.

Aqueles pioneiros montanhistas do Marumbi estavam dando origem a um esporte, o marumbinismo, o qual passaram a entender como sendo “mais completo do que qualquer outro”, pois era capaz de criar indivíduos fortes, dispostos e ativos, ou seja, pessoas sadias para um país em desenvolvimento. Nada de original, em verdade, afinal esse é um conceito que tem profundas raízes na cultura ocidental.

4. Tempos de educar corpos e disciplinar mentes

O corpo humano já era cultuado na Grécia antiga, porém lá tal prática visava agradar os deuses. Durante o período helenístico o culto ao corpo passou a ser representado no desenvolvimento do esporte, atividade que desempenhou um papel central na manutenção da ordem social, principalmente na estabilidade política e religiosa daquela sociedade (SILVA, 2004).

Foi, no entanto, entre os séculos XVIII e XIX que uma série de pedagogias que visavam à impressão na sociedade de novos códigos de civilidade voltou sua atenção à “educação do corpo”. O comportamento corporal, evidenciado por meio da postura, dos gestos, da força empregada em determinadas atividades, passou a ser mais um dos objetos da ciência. O aparecimento de inúmeros estudos sobre a importância dos exercícios físicos, desde que orientados pelo método científico, na ordenação e disciplinarização da sociedade acabou dando origem ao “Movimento Ginástico Europeu”. Esse movimento foi

um primeiro esboço deste esforço e do lugar de onde partiram as teorias da hoje denominada educação física no Ocidente. Balizou o pensamento moderno em torno das práticas corporais que se construíram fora do mundo do trabalho, trazendo a ideia de saúde, vigor, energia e moral coladas à sua aplicação (SOARES, 2002: 20).

À ginástica foram atribuídas as pretensas capacidades de regenerar a raça, tirando as sociedades do contexto das enfermidades, patologias e mortalidade que solapavam o seu progresso, produzir indivíduos fortes para suportar as longas jornadas dentro das fábricas e

combater ativamente em caso de guerra, além de desenvolver o caráter edificante das pessoas. A difusão dessas ideias fez com que países como a Alemanha, a França e a Suécia desenvolvessem as primeiras sistematizações de exercícios físicos nas sociedades burguesas, as quais ficaram conhecidas como métodos ou escolas correspondentes a cada país, no caso, Escola Alemã, Escola Francesa e Escola Sueca. Embora a Inglaterra também tenha participado do Movimento Ginástico Europeu, o tipo de exercício que se consagrou nesse país foram os jogos esportivos (SOARES, 2001).

A emergência do esporte na Inglaterra ocorreu durante o século XVIII como parte importante do processo de restrição da violência, do desenvolvimento do autocontrole e da pacificação dos indivíduos encabeçado pelas classes mais altas daquela sociedade (ELIAS, DUNNING, 1992). Durante o século XIX, porém, o processo de industrialização, o aumento da concentração urbana, as melhorias dos sistemas de transporte e de comunicação, que reduziram as distâncias, assim como a ascensão da burguesia, resultaram em um dramático efeito sobre o esporte. Em tempos de ambiente urbano, fábricas, máquinas e longas jornadas de trabalho, as pessoas tiveram que adaptar as suas práticas esportivas à nova realidade que se impunha. Os lugares onde costumavam se encontrar para praticar os jogos de bola, por exemplo, foram limitados no tamanho, tal como também a duração dos jogos foi reduzida para que pudessem ser praticados durante o pouco tempo livre de que o trabalhador dispunha. Como demandava disciplina da parte de seus praticantes, dentro das fábricas o esporte foi estimulado como uma forma de educar os operários no processo industrial, pois uma prática recreativa racional no seu tempo livre faria deles trabalhadores mais eficientes.

A maior consequência da industrialização da sociedade britânica sobre o esporte talvez tenha sido a padronização das regras dos jogos, assim como dos próprios hábitos esportivos da nação. A reunião de cavalheiros em associações livres, os clubes, tinha se tornado uma prática na sociedade londrina desde o século XVIII. Conforme as equipes desses clubes começaram a deslocar-se pelo país para se confrontar com outras equipes, tornou-se necessário que houvesse uma uniformidade do jogo, ou seja, regras bem claras que garantissem um evento esportivo justo para todos os participantes, fossem eles jogadores ou expectadores (ELIAS, DUNNING, 1992).

A industrialização marcou também a emergência de uma classe média a qual, aproveitando-se das profundas mudanças culturais em curso na sociedade, tornou-se, em meios do século XIX, uma importante transmissora de valores e atitudes. Pautado então sobre a ética protestante do trabalho, o esporte foi visto como um excelente aliado na formação de *gentlemen* cristãos de classe média, e era com este objetivo que deveria ser praticado, pois se a meta fosse o desfrute do esporte em si mesmo, isto criaria uma pessoa dedicada ao jogo e não ao trabalho, o que era considerado absolutamente inapropriado. Para este setor da sociedade, igualmente inadmissível era o reconhecimento da profissionalização do esporte, quer seja, qualquer coisa que envolvesse dinheiro, torneios,

premiações etc. A fim de que os fiéis/jogadores não se sentissem atraídos para a prática esportiva mais do que se considerava saudável, o esporte deveria ser estritamente amador. O resultado de tal atitude foi o surgimento do *Muscular Christian Movement*, segundo o qual cultura física e moralidade estavam intimamente conectadas, e a perfeição do corpo se tornava uma parte essencial do estilo de vida cristão. A ideia era que os músculos representavam um sinal de boa conduta moral e de salvação individual. Mais que um simples recipiente, o corpo era visto como uma forma que poderia ser alterada e aperfeiçoada, o que expressava a existência de um sólido caráter contido nele, além do fato que um cristão fisicamente sã estaria sempre melhor preparado para servir ao Senhor (JOHANSSON, 1998).

Ao lado do tema da industrialização que marcou o século XIX, estava também, com igual importância, o crescimento do nacionalismo e a saúde da população era, neste caso, um forte indicador do potencial das nações emergentes. A partir da divulgação das teorias evolucionistas, o esporte e a ginástica passaram a estar intimamente relacionados à criação da identidade nacional e ao sentido de bem-estar do povo em muitos países.

Perante a abordagem positivista do século XIX as desigualdades da sociedade não eram mais do que diferenças naturais, decorrentes das aptidões de cada um – uma vez que a sociedade era encarada como um grande organismo vivo – e do seu empenho pessoal em prosperar, ou seja, competir e vencer, em um mundo de relações sociais e econômicas cada vez mais complexas. Teorias raciais que se pretendiam científicas, como no caso da eugenia, foram desenvolvidas e entendidas como capazes de explicar a composição social em função de fatores biológicos, “melhorar” as raças subalternas e ainda orientar a classe dominante, “evidentemente superior”, na manutenção da ordem social vigente e na condução ao progresso que, assim, seria inevitavelmente decorrente (SOARES, 2001).

Mas como os que estavam nas posições mais privilegiadas da “natural” hierarquia social precisavam das camadas inferiores para fazer que as engrenagens do mundo capitalista se movessem, cabia àqueles a elaboração de políticas que promovessem tanto a saúde física como a moralização dos hábitos dessas pessoas. Para tanto, o pensamento médico higienista, que visava a uma assepsia social, cumpriu um papel fundamental na reorganização disciplinar das classes trabalhadoras (SOARES, 2001).

Os exercícios físicos, nesse contexto, tornaram-se uma atividade fundamental na construção do caráter individual e nacional. Coadunavam perfeitamente à tentativa de criar-se melhores trabalhadores e cidadãos, pois a prática esportiva e a ginástica transformaram-se em uma ferramenta de engenharia social que trabalhava em prol de uma hegemonia burguesa, ao mesmo tempo em que ajudavam a inculcar sentimentos patrióticos mediante a construção de uma identidade nacional.

No Brasil do começo do século XX, crescia a consciência de que o povo não era debilitado por uma natureza biológica, mas sua condição social precária resultava do

abandono por parte das autoridades governamentais e às condições de vida e trabalho impostas pela dinâmica do capital. Com o objetivo então de melhorar a saúde coletiva e individual, os higienistas estipularam normas de conduta e procedimentos corretos para quase todos os setores da sociedade brasileira. Desta maneira, o discurso higienista fez-se presente nas campanhas de vacinação, na urbanização das cidades, na habitação, na industrialização, na educação etc. A ideia básica era educar o povo tanto para prevenir moléstias, por meio da profilaxia, como ensiná-lo a trabalhar na indústria, visto que assim ele se reconstituiria e a nação progrediria.

Os exercícios físicos passaram a ser considerados de grande importância, pois a orientação que se tinha era que mediante a coordenação e sistematização dos movimentos corporais, qualquer pessoa poderia aprimorar consideravelmente o funcionamento do seu organismo, sobretudo em relação à fadiga que frequentemente acometia os operários dentro das fábricas (ver BARRETO, 1948). Mais que isso, os exercícios físicos passaram a integrar uma nova concepção de educação integral do indivíduo, que significava formar moral, intelectual e fisicamente a pessoa, em contrapartida a uma prática educacional centrada apenas nos estudos intelectuais. A Educação Física, desta forma, passou a integrar a maioria das propostas educacionais do período e a desempenhar um papel transformador da sociedade, ensinando não apenas novos hábitos, como também novos valores os quais, segundo seus defensores, construiriam uma sociedade mais próspera e moderna.

Ainda que tenha havido algumas controvérsias sobre que tipo de exercícios a Educação Física deveria priorizar, se método ginástico, que poderia, por sua vez, ser o sueco, o francês, o alemão, ou algum outro, ou então a prática de esportes, desde que bem orientado nos valores da época, a ideia central era que as pessoas deviam praticar algum tipo de ginástica, ter alguma prática esportiva, enfim, a população deveria mexer-se de alguma forma.

Para os marumbinistas, a melhor forma de mexer o corpo era subindo montanhas, quanto mais o fizessem, mais fortes física e moralmente eles seriam. Mas não se tratava apenas de escalar os píncaros de qualquer forma, eles estavam praticando um esporte que, como tal, deveria ser organizado e sistematizado, e a criação de um clube seria uma boa maneira de congrega e disciplinar os praticantes. Nesse aspecto, é interessante lembrar, novamente, a incidência de uma origem germânica entre o grupo que em fins dos anos de 1930 começou a frequentar assiduamente as montanhas do Marumbi e o contexto sociopolítico que os envolvia.

O associativismo foi uma característica que acompanhou grande parte dos colonos estrangeiros que chegavam ao país em fins do século XIX como estratégia de construção, ou mesmo reconstrução, das suas identidades culturais em meio à sociedade receptora. A integração dos imigrantes mediante a participação, por exemplo, em igrejas, escolas, sociedades recreativas próprias, ao mesmo tempo em que reafirmava a sua origem como elemento de identificação étnica e diferenciação perante a comunidade local, servia também como um aprendizado para os próprios colonos, pois sua convivência, bem como a continuação de seus

descendentes, “seria igualmente marcada pela necessidade de se autoconhecerem e de eliminarem barreiras construídas pelas heranças de suas culturais originais” (NADALIN, 2000: 186). Superadas, na medida do possível, tais diferenças, os imigrantes poderiam realinhar a sua identidade étnica, agora de uma forma mais propícia à interferência cultural do novo ambiente ao qual encontravam-se inseridos.

Porém, perante a afirmação da ideologia republicana e os ânimos nacionalistas que se empenhavam em elevar todas as formas de lealdade cívica no país, a fragmentação do conjunto da sociedade em diversos grupos étnicos era vista com grande preocupação pela elite brasileira. A imposição de uma língua nacional e a proibição de várias manifestações de cunho étnico – fechamento de imprensas, escolas, realização de cultos em línguas-pátria etc. – eram, por exemplo, medidas que os defensores da República brasileira consideravam fundamentais à construção de “um sistema comum de categorias de percepção e uma visão unitária do mundo social” (TRINDADE, 1996: 189).

Durante os anos de 1920 e 1939, fase de maior fluxo migratório alemão para o Brasil, os imigrantes viram-se pressionados tanto por uma política nacional que pretendia a sua completa assimilação aos preceitos da sociedade brasileira, como também por um contato cada vez mais facilitado, em função do desenvolvimento dos meios urbanos, com uma ideologia conterrânea que alimentava a crença da superioridade do sangue e da “raça” arianos. À guisa do que já havia ocorrido no decurso e após a Primeira Guerra Mundial, os cenários políticos nacional e internacional instaurados na década de 1930, culminando com a declaração brasileira de estado de guerra, em 1942, fizeram com que as associações de caráter germânico, no caso, acabassem sentindo ainda mais intensamente o impacto das radicalizações nacionalistas que se intensificavam pelo território do país.

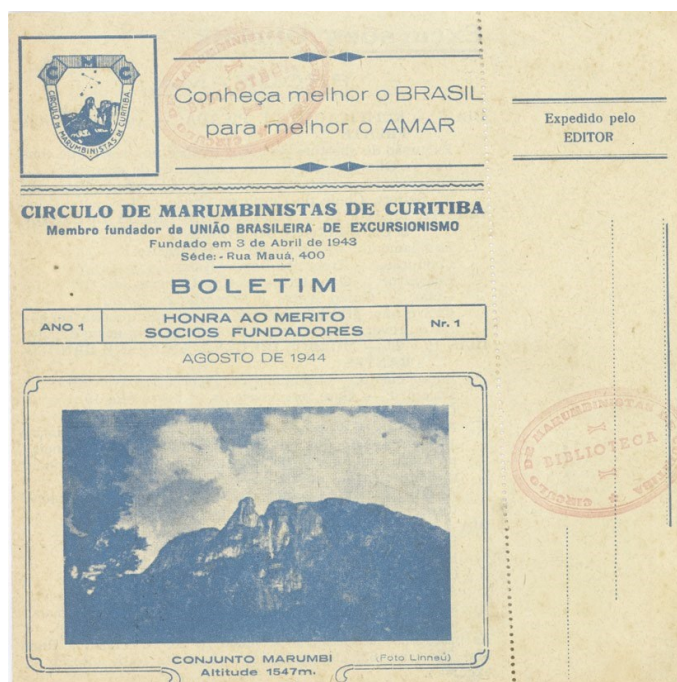
Em tempos que ajustar falas e comportamentos se apresentavam como estratégias importantes de sobrevivência mediante a todo um projeto de nacionalização cultural instituído pelo Estado Novo, a invocação patriótica brasileira passou, de fato, a compor o discurso das comunidades imigrantes – tanto das que já existiam como daquelas que começavam a se organizar, como no caso dos marumbinistas.

5. Um clube para os marumbinistas

Em 3 de abril de 1943, um grupo de amigos que costumava se encontrar no quarto de Stamm, na pensão em que ele morava, para combinar as escaladas do fim de semana na Serra, resolveu fundar um clube de montanha. Nascia assim o “Círculo de Marumbinistas de Curitiba”, ou simplesmente CMC, cujas principais finalidades como instituição organizada era a promoção do excursionismo, dos estudos e da fotografia.

Até que conseguissem comprar uma sede própria, o que se deu apenas em 1958, os associados costumavam se encontrar em locais que alugavam e utilizavam como sede do clube. As reuniões aconteciam normalmente às quartas-feiras e era o momento em que o grupo se juntava para contar como haviam sido as aventuras do final de semana anterior e para planejar as escaladas do próximo. Ao longo do tempo em que se manteve ativo, o CMC tentou implantar algumas novidades nos encontros, tais como discussões literárias, reuniões dançantes etc., novidades, no entanto, que se mostraram efêmeras. O grupo era de montanhistas e a temática das reuniões foi, por muito tempo, coisas das montanhas.

Logo após sua criação, o CMC passou a editar o “Boletim” mensal, um pequeno folheto que continha a programação das excursões oficiais, o expediente do clube, alguns avisos e editais e um ou dois pequenos artigos. Em janeiro de 1945, o Boletim mudou de formato; maior e com mais conteúdo, serviria para “publicar as nossas atividades, os programas mensais de excursão, com informações e dados históricos sobre os pontos visados, descrições das cidades do Paraná e das suas belezas naturais” conforme se lê no número 1 (Boletim do Círculo dos Marumbinistas de Curitiba, ano 1, n. 1, s.p.). Além de realizar a proposta inicial, ao longo dos quase vinte anos em que foram publicados, os boletins do CMC traziam também outros tipos de informações, desde extensivas notas sociais que deixavam a todos inteirados sobre os casamentos, nascimentos, batizados, formaturas e afins relacionados ao quadro de associados, artigos sobre saúde e boa alimentação, sobre os equipamentos apropriados para as excursões, sessões de recados, de piadas e de curiosidades, além de muitas reflexões sobre a prática do montanhismo.



Fonte: Acervo do CMC

Nos boletins do CMC, divulgava-se intensamente o valor do contato com a natureza. Considerava-se que as excursões eram uma excelente oportunidade para se colher material, o qual seria, segundo consta, distribuído às instituições científicas com o fim de intercâmbio e classificação. A fotografia complementar este trabalho de registro do ambiente natural e seria uma forma de divulgar o conhecimento levantado *in loco*. Tudo por meio do excursionismo, atividade à qual se referiam como sendo “o esporte, no mais alto sentido da palavra. Força física, camaradagem, mútuo auxílio, presença de espírito, domínio pessoal, perseverança e arrojo com comedimento são cultivados no mais alto grau, ao lado do amor pela Pátria e da cultura do caráter”.¹³

Esse apelo ao patriotismo foi, de fato, uma constante na história do CMC, tanto que seu lema era “conheça melhor o Brasil para o melhor o amar”. O lema era considerado uma bússola de palavras, apontando sempre o ponto exato para onde deveriam seguir”.¹⁴ Estas eram as palavras de ordem do grupo que se pretendia atuante no progresso do país.

É necessário força de vontade e capacidade de ação, para fazer ver a quem compete, que o excursionismo é o mais completo dos esportes, o mais saudável, o mais sã, pois não incentiva lutas, não cria campos antagônicos, nem é vítima de indisciplina e profissionalismo. O excursionismo tem um vasto programa a realizar, um vasto campo de ação e dele depende, na maior parcela, a formação de uma raça sã, de uma raça de “brasileiros do Brasil”. (BOLETIM, Ano I, v.1, n.10, out. 1945)

Para os integrantes do Círculo dos Marumbinistas de Curitiba, excursionismo e marumbinismo significavam a mesma coisa, ou seja, um movimento do corpo altamente edificante no qual estavam contidos todos os preceitos que, na época, faziam da atividade física um elemento aglutinador do caráter nacional. Caminhar pelas montanhas significava para os marumbinistas também a possibilidade de uma ampliação da sua apreensão estética e filosófica. “Como desporto, o excursionismo disciplina os nervos, agiganta o poder da percepção, aviva as faculdades de observação e resistência, diante do perigo, em face do empecilho; robustece a tempera, dignifica o caráter e opulenta a confiança do homem em si mesmo”. (DIÁRIO OFICIAL, 6 de outubro de 1946).

Consideravam que o excursionismo era de fato um esporte diferente dos outros, pois

13 BOLETIM do Círculo de Marumbinistas de Curitiba, Ano II, v.2, n.8, p.55-6, ago. 1946.

14 BOLETIM do Círculo de Marumbinistas de Curitiba, Ano II, v.2, n.10, out. 1946.

...oferece feição própria de desporto, que não se enquadra nos moldes habituais das nossas organizações desportivas. A disciplina que gera vive menos por força das leis, dos códigos, das regras, do respeito à vida normativa, do que através do intercâmbio das suas expansões próprias, prestigiadas pelo respeito recíproco que os homens guardam na comunhão social. (BOLETIM, Ano II, v.2, n.8, p.55-6, ago. 1946)

Mas esse “respeito recíproco que os homens guardam na comunhão social” a que se referiam os marumbinistas autores do texto, essa sociabilidade exercida a céu aberto, também expressa regras e normas como em outros esportes, embora talvez não tão explícitas, e requer também determinadas condutas de seus praticantes. Os boletins do CMC, além de ecoar o discurso oficial que expressava os exercícios do corpo como sinônimos de saúde física e moral, proclamar a sua crença de que o excursionismo era de fato uma ferramenta eficaz na construção do espírito cívico, refletem também uma “cultura de natureza”, a qual enfatiza o estar em um ambiente natural e o engajamento em práticas que realçam a naturalidade, ou ainda, a organicidade, do corpo humano. Acontece que essas práticas exercidas ao ar livre, a um só tempo são esportivas e sociais e, em alguma medida, estão também sujeitas a formas extensivas de organização, monitoramento e disciplinarização (MACNAGHTE, URRY, 2001).

Esse é um dos aspectos contrastantes de práticas como o montanhismo que são consideradas uma espécie de “corporificação do prazer” em meio à natureza. Os montanhistas exercitam seus corpos de formas excepcionais colocando-os em situações extremas, vão para lugares de difícil acesso, buscam a experiência da escalada a fim de concatenar uma experiência física e sensorial que vai além do que se poderia considerar como habitual. O montanhismo é de fato uma prática que requer corpos fortes e resistentes. Nesse sentido, ideologicamente tanto sustentou as necessidades da sociedade burguesa de corpos sãos e produtivos como, paradoxalmente, dependeu de uma construção romantizada da natureza forjada por contrastes com as sociedades industriais do século XIX e a crescente necessidade de lugares “mais limpos” e salutar. O que poderia parecer mais natural do que caminhar sobre a montanha, sentir o vento batendo no rosto, o sol aquecendo o corpo em comparação com a vida disciplinada que se levava na cidade e o mundo do trabalho que ela representa?

No entanto, muitas das práticas realizadas ao ar livre, que implicam performances de movimento e resistência, estão também submetidas aos processos civilizacionais de que fala Norbert Elias, do autocontrole das emoções e das atitudes, o que acaba englobando-as no quadro referencial das boas maneiras (ELIAS, 1993, v.1). Com o advento da modernidade, a natureza deixou de ser o lugar da barbárie, para onde seguiriam os desajustados e imperava a liberdade de se fazer o que se bem entendesse, para se tornar o ambiente natural, distinto da cidade, que acolhe o indivíduo portador dos códigos de civilidade, dos quais ele sabe fazer

uso independente de onde esteja. Em outras palavras, a partir do século XIX a natureza passa a ser entendida, a um só tempo, tanto como alternativa como extensão do mundo civilizado.

Saber se comportar na montanha e se relacionar com outros excursionistas eram valores muito presentes no discurso marumbinista. Em um dos boletins do CMC, foi publicada uma espécie de "código de honra" do marumbinista, o qual todos deveriam conhecer e obedecer. Alguns dos tópicos eram:

Todos os excursionistas são amigos, pois que sempre um precisará do outro.
Todo o excursionista é honesto, principalmente para com seus companheiros.
Nunca se abandona um companheiro.
O mais fraco de todos também pode ser útil.
O excursionista é franco e não tem reações forçadas.
Uma picada, depois de aberta, é para todos, e por isso não se lhe fecha a entrada, nem se arma arapucas em seu trajeto.
Quando alguém inicia uma picada, este serviço não deve ser roubado por outro. Só se vai para um ponto novo, que alguém está tentando alcançar, se este alguém declarar ter desistido ou der autorização para tal.
Nunca se critica o que os outros fazem e a gente não pode fazer.
Os que conservam e abrem picadas, os que trabalham pela coletividade excursionista, os Guias, merecem os nossos respeitos. (BOLETIM, Ano I, v.1, n.10, out. 1945)

Em outras palavras, as montanhas do Marumbi não eram uma "terra-de-ninguém", lá também deveriam ser observados comportamentos que prezassem pela boa educação, pela convivência pacífica e pelo companheirismo. Os montanhistas estariam, dessa forma, sujeitos às sensações contraditórias, pois ao mesmo tempo em que a sua prática representava uma oportunidade de experimentar a liberdade, a naturalidade de seus corpos, ou ainda, um subterfúgio do mundo disciplinar citadino, eles também eram contidos por modos de vigilância e controle, ao menos retóricos, impostos pelo próprio grupo.

O CMC foi um clube comprometido com a formação dos montanhistas de uma forma integrada; suas orientações pregavam que apenas músculos fortes não faziam de alguém um marumbinista, era preciso que ele mostrasse sua força na sua conduta moral e nos seus valores de patriotismo, cooperação, abnegação, altruísmo, autocontrole e determinação. Deslizes, no entanto, às vezes aconteciam, mas lá estava o Boletim do CMC para ensinar o que deveria, e o que não deveria, fazer um bom marumbinista, e as lições podiam ser desde as mais básicas até as mais complexas. Assim, constava em um dos volumes de 1945:

O bom marumbinista não roubará!
Não roube aos outros o silêncio e a paz que reinam nas montanhas.
Não roube a alguém a solidão das alturas... nem a mochila, nem o facão,
nem o cantil.
O bom marumbinista tem que ser um homem educado.
Cumprimente quem encontrar no caminho e corresponda às saudações
que te fizerem.
Não suje a fonte em que se dessedentar, pois outro virá depois de você.
(BOLETIM, Ano I, v.1, 1945)

O marumbinista do CMC deveria saber se comportar adequadamente em todos os ambientes. Para evitar situações desagradáveis como a que ocorreu em 29 de julho em 1945, quando um grupo de excursionistas, que, pretensamente, não pertencia ao CMC, criou algum tumulto no trem, recaindo a culpa sobre os marumbinistas, passou a ser adotado o uso do distintivo do clube sobre o bolso esquerdo da blusa, que os identificaria como tal em todas as excursões. Em todo caso, valia a pena reiterar algumas normas para a conduta dos associados no trem.

- 1.º Não tomar assento em 1.ª classe, quando o passe ou a passagem for para a 2.ª classe, e só fazer, mediante autorização do Chefe de Trem.
- 2.º Não fazer algazarra nos vagões nem tampouco nas Estações.
- 3.º Somente tocar instrumentos ou cantar com licença do Chefe de Trem.
- 4.º Obedecer às indicações dos Guias, pois são eles os responsáveis pelo comportamento da caravana. (BOLETIM, Ano I, v.1, n.8, ago. 1945)

Novamente observa-se o embate entre a liberdade e as restrições incluídas nas viagens para a natureza. A partir do momento em que a pessoa portava um distintivo do clube sobre o peito, ela estava imbuída de certos padrões comportamentais que a diferenciava do restante dos excursionistas. Ela fazia parte de um clube que tinha objetivos muito claros com a prática do montanhismo, e ainda que os festejos e as brincadeiras no trem, por exemplo, fizessem parte da sociabilidade do grupo, agora eles deveriam ser contidos por uma questão de civilidade.

Da mesma forma, seguindo o padrão comportamental da época, as moças que frequentavam a Serra, muitas das quais também associadas ao CMC, tinham que fazer a viagem de trem portando saias até a estação do Marumbi e apenas lá trocavam de roupas para poder escalar a montanha com vestimentas mais apropriadas. Antes de voltar para a cidade, novamente elas vestiam seus trajes habituais, ou seja, as saias.

É interessante notar que a presença feminina nas montanhas do Marumbi, com maior ou menor número, sempre foi uma constante. Uma expedição de 1902, por exemplo, organizada por Julio Pernetá, então Secretário do Câmara de Antonina, contou a participação de Hercília

Pinheiro Lima, uma garota de apenas 13 anos (ALVES, 2008: 34). Algumas mulheres de fato participaram das primeiras ascensões, como no caso de Anna Henkel, no Abrolhos, e Ina Claassen e Rosa Isenmann, na Torre dos Sinos. Ao contrário do que se possa imaginar, era muito comum encontrá-las pelas trilhas. Foi uma surpresa para o hoje veterano Henrique Paulo Schmidlin, por exemplo, quando na sua primeira escalada ao cume do Olimpo em 11 de outubro de 1947, depois de uma noite muito mal dormida devido ao frio intenso que fazia, percebeu que algumas pessoas se aproximavam do local onde estava: “Às 8 horas da manhã ouvimos vozes, eram duas moças que vieram sozinhas até o Olimpo. Partiram às 4 horas da madrugada, estavam completamente molhadas – uma se chama de Eli e a outra de Saracura”. (SCHMIDLIN, Henrique Paulo. Diário de excursões. Manuscrito, acervo particular). O que chama a atenção, no entanto, é o fato de que a maioria delas também era de descendência germânica, ou seja, elas eram herdeiras de uma cultura de raízes românticas que, diferentemente da cultura patriarcal brasileira que não via com bons olhos que suas filhas fossem passar o final de semana no mato, estimulava-lhes o contato com a natureza.

Por todos que a frequentavam a montanha era considerada uma escola. Os que chegaram por primeiro e por lá foram ficando, acabaram criando certos hábitos que nem sempre eram facilmente reconhecidos pelos mais novos. Os anos 40 foram anos de desbravar-se o Marumbi, e ainda que este fosse um esporte de cooperação, como diziam os próprios marumbinistas, percebe-se pelo seu “código de honra” que havia já uma preocupação em preservar a iniciativa e o posterior reconhecimento pelo mérito de uma conquista dos companheiros. No Marumbi a tensão entre os que fazem e os que apenas usufruem aparecia normalmente relacionada à abertura e manutenção das picadas. Pelo que se nota nas fontes, todos queriam escalar as montanhas, mas poucos se dedicavam ao trabalho que deveria ser feito nas trilhas. Em julho de 1945, uma novidade a este respeito acontece no CMC.

É com grande satisfação que este Boletim noticia a formação do "Grupo dos Picadeiros", composto por sócios do C.M.C.

O que quer dizer "Picadeiros"?

"Etimologicamente" falando, "Picadeiro" é o nome que designa a aqueles que, podemos dizer, heroicamente, mantêm abertas as picadas pelas quais você trilha; picadeiros são aqueles que abrem as picadas que te conduzem aos lugares que tanto enlevo te causam; picadeiros enfim, são os que abrem, demarcam e conservam as picadas.

Você diz que aquela picada está intransitável?

E o que você faz com esse facão na cintura? Farol? Por que você nem sequer dá-se ao trabalho de levantar do caminho aquele galho de árvore que o está fechando?

Esse é o trabalho que os "Picadeiros" tomaram a si.

Eles merecem os nossos aplausos e os nossos respeitos. São eles que facilitam a nós, esses inesquecíveis momentos por que passamos, esses momentos agradáveis, em contato com a Natureza.

E o lema deles é: "um por todos, todos pelo bem". (BOLETIM, Ano I, v.1, n.7, jul. 1945)

Fazer parte de um grupo como esse era um sinal de *status*, pois significava que não se tratava apenas de mais um associado, mas de um associado que estava se dedicando ao desenvolvimento do marumbinismo. No ano seguinte à sua criação, o grupo dos picadeiros passou por uma reformulação.

- 1) A turma de Pioneiros, recém-criada no CMC, em substituição ao Grupo dos Picadeiros, que foi "ampliado e melhorado", é composta por sócios do CMC que tenham demonstrado utilidade ao movimento excursionista.
- 2) É admitido como Pioneiro qualquer associado do CMC, desde que essa admissão seja aprovada pela maioria dos Pioneiros presentes à reunião em que for proposta essa admissão, presente também o proposto. Para essa admissão, deverá ser observado: "Qualidade, não quantidade".
- 3) Será desligado da Turma, qualquer Pioneiro que não se conduza de acordo com as normas que um bom Pioneiro deve conhecer, sendo-lhe caçado o Título.
- 4) A Turma de Pioneiros não tem chefe e suas resoluções são tomadas por vontade da maioria.
- 5) Será nomeado um Representante junto à Diretoria do CMC, escolhido pelos companheiros todos os anos, e que tratará dos interesses da Turma.
- 6) Será também escolhido um Tesoureiro da Turma, encarregado da verba que couber, fornecida pelo CMC ou por particulares ou associados.
- 7) A Turma de Pioneiros não possui Leis ou Códigos.
- 8) O símbolo dos Pioneiros é uma águia, de asas abertas, que será usada obrigatoriamente em excursões para diferenciá-los dos que tentam passar por Pioneiros.
- 9) O lema é: "Um por todos, todos pelo bem", e portanto, os atos de um são os atos da Turma. (BOLETIM, Ano II. v.2. n.3, p.19, mar. 1946)

Naquele momento, o grupo dos fiéis picadeiros/pioneiros firmava-se como um grupo à parte dentro do CMC, evidenciando uma clara hierarquia entre os associados do CMC, condição que se intensificou ainda mais com o início das conquistas das paredes e das escaladas técnicas no Marumbi.

Em verdade, eram apenas nomes diferentes para o grupo que compunha a elite do clube. Da mesma forma eram considerados aqueles que faziam parte do corpo de guias do CMC, na sua maioria, os mesmos do grupo dos pioneiros, pois esses eram os veteranos, os montanhistas experientes. Agora, embora no clube houvesse moças que também poderiam ser consideradas veteranas, que inclusive andavam sozinhas pelas montanhas, até mesmo

de madrugada, coisa que nem todo homem fazia, não se tem notícia, por exemplo, que alguma delas tenha servido como guia nas excursões do CMC.

O fato é que havia um interesse crescente pelo esporte e isso se refletia nas trilhas do Marumbi e nas outras que estavam sendo abertas por toda Serra do Mar. O que motivava todas aquelas pessoas, fossem os guias, os veteranos ou os “novatos”, a escalar as montanhas era sobretudo a oportunidade de se “apreciar a beleza do panorama” visto lá de cima. Ou seja, o grupo estava vivenciando e compartilhando entre si uma moderna sensibilidade para com as montanhas, quer seja, o prazer de subi-las apenas por fruição.

6. Ventos de mudança (à guisa de conclusão)

O Círculo dos Marumbinistas de Curitiba se consolidou, entre as décadas de 1940 e 1950, como um grande clube,¹⁵ adquiriu uma sede na montanha e outra na cidade, promoveu várias atividades sociais e montanhísticas, tornando-se assim a instituição aglutinadora dos montanhistas paranaenses da época. Ao fim desse tempo, no entanto, foi gradualmente deixando de ser uma associação de montanhistas, que iam primordialmente para o Marumbi e para as outras montanhas da Serra do Mar, e se tornando cada vez mais um clube de excursionistas que iam para todos os lugares, mas cada vez menos para as montanhas. O lema “Conheça melhor o Brasil para melhor o amar” passou a ter um significado maior quando eles começaram a promover viagens para outras cidades e estados a fim de ampliar seus conhecimentos sobre o país. O clube se transformava.¹⁶

Os ventos do final dos anos 50 já anunciavam mudanças na história do marumbinismo. Conforme o grupo que assumiu a diretoria do CMC se afastava do Marumbi, os boletins do clube deixaram de refletir a experiência vivida e compartilhada na Serra. Com a morte de Stamm em 1959, e mesmo alguns anos antes, desde 1957 quando da sua última escalada no Marumbi, o registro histórico das escaladas e das emoções vividas naquelas montanhas foi lentamente se perdendo. Ninguém mais cuidou tão sistematicamente dos livros de registro dos cumes como ele e seus amigos faziam.

15 “Atingiram 200 sócios em 1946, 413 em fevereiro de 1951 e iniciaram a Campanha dos 1.000 Sócios, com vendas de ações” (ALVES, 2008: 155).

16 Os jovens que buscavam uma referência, uma introdução à prática do montanhismo já não encontravam mais suporte no CMC. O resultado foi que, em 1964, um grupo de jovens montanhistas resolveu fundar seu próprio clube e assim surgia o Clube de Montanha (CLUMO). No Paraná, a repressão instaurada com a ditadura militar via com maus olhos a prática do montanhismo, pois considerava que as montanhas eram terrenos propícios para treino de técnicas de guerrilhas armadas. O fato de os montanhistas vestirem, na época, roupas utilizadas no exército – pois eram baratas e duráveis – e andarem em fila indiana – dificilmente duas pessoas cabem lado a lado nas trilhas de montanha –, carregarem facões, cantis e lampiões pendurados nas mochilas eram, para a ditadura, fortes indícios das suas atividades subversivas. Alguns dos associados do Clube de Montanha eram realmente militantes de esquerda, alguns foram fichados no DOPS, e, inclusive, presos. A confusão estava armada. Sob uma pressão constante, os associados decidiram então encerrar as atividades do Clube de Montanha.

Nos anos 50 ainda, já findada a extração de pedras que era feita na base do Conjunto Marumbi, o proprietário do lugar, o senhor Simão Moscalewski, resolveu criar o loteamento "Parque de Férias do Marumbi". Alguns montanhistas aproveitaram o momento para comprar lotes e construir as suas próprias casas na montanha ou, então, para comprar as casas que haviam sido construídas e utilizadas pelos trabalhadores da extinta pedreira. Foi quando começou a se constituir a vila do Marumbi.

Enquanto a natureza, livre da ação humana que desfigurara seus contornos com a lavra de mineração de granito, plantação de bananas e bracinga, se ocupava de lentamente recuperar o ecossistema local, a comunidade humana que girava entorno do Marumbi também se re-organizava sob novos patamares. Ao passo que o CMC se fechava sobre si mesmo, a utilização da sua sede na montanha também deixava de ser uma alternativa; mesmo muitos daqueles que haviam conseguido adquirir lotes ou casas no Marumbi, por uma razão ou outra, acabaram se afastando e posteriormente vendendo suas propriedades para os montanhistas mais jovens que começavam a frequentar o lugar. Foram anos de transição em que o marumbinismo se transformava em uma outra coisa que não mais aquela que costumava ser. O próprio termo caía em desuso pela nova geração que chegava para escrever a sua história naquele ambiente.

Mas o legado já havia se constituído. A história do clube e dos marumbinistas, neste sentido, é uma parte importante no processo das identificações culturais criadas, e constantemente reatualizadas e ressignificadas, pelos frequentadores das montanhas do Marumbi.

Bibliografia:

ALVES, Nelson L. P. *As montanhas do Marumbi*. Curitiba: Edição do Autor, 2008.

BARRETO, João de Barros. *Tratado de higiene*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. v.1.

BERNBAUM, Edwin. *Sacred mountains of the world*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1998.

BIGARELLA, J. J. *A Serra do Mar e a porção oriental do Estado do Paraná*. Secretaria de Estado do Planejamento. ADEA, 1978.

BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Filipe II*. São Paulo: Martins Fontes, 1983. 2v.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v.1.

----- . *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v.2.

-----; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FEBVRE, Lucien. *La tierra y la evolución humana: introducción geográfica a la historia*. Barcelona: Cervantes, 1925.

JOHANSSON, Thomas. *Den skulpterade kroppen*. Gymkultur, estetik och friskvard. Stockholm: Calssons, 1998. (The sculptured body: gym culture, hard bodies and gender identities – Versão em inglês cedida pelo autor à pesquisadora).

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a serra*. Biblioteca Geográfica Brasileira. Publicação n.8 da Série A “Livros”, 1963.

LEWIS, Neil. The Climbing Body, Nature and the Experience of Modernity. IN: MACNAGHTEN, Phil and URRY, John. *Bodies of Nature*. London: Sage Publications, 2001.

LIMA, Roberto Alves Cunha de. *O clã da lagartixa: uma visão antropológica da escalada no Paraná*. Monografia (Conclusão de curso - Antropologia). Brasília, UnB, 1993.

MAACK, Reinhard. *Geografia física do estado do Paraná*. Rio de Janeiro: Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981.

MACNAGHTEN, Phil and URRY, John (Eds.). *Bodies of Nature*. Introduction. London: Sage Publications, 2001.

NADALIN, Sérgio Odilon. *Imigrantes de origem germânica no Brasil: ciclos matrimoniais e etnicidade*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

PARANÁ. Instituto de Terras, Cartografia e Florestas. *Planos Global e Específico de Gerenciamento da Área Especial de Interesse Turístico do Marumbi*. Curitiba, 1987.

SOARES, Carmen Lúcia. *Educação física: raízes e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2001.

----- . *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 2002.

TRINDADE, Etelvina M. C. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

WILLIAMS, Raymond. *O povo das montanhas negras: o começo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Texto recebido em 15 outubro de 2013 e aprovado em 22 março de 2014